

O campeão da rainha: o enamorado cortês segundo Chrétien de Troyes

Ademir Luiz da Silva
Universidade Estadual de Goiás
Anápolis – Goiás – Brasil
ademir.hist@bol.com.br

Resumo: O personagem Lancelot é introduzido pela primeira vez pelo escritor Chrétien de Troyes, que escreveu no século XII. Não é até *Le Chrétien de Chevalier de la Charrette*, no entanto, que Lancelot se torna o protagonista. Neste texto, ele é apresentado como o cavaleiro mais formidável na corte do Rei Arthur. Sua relação adúltera com a rainha também é introduzido neste texto.

Palavras-chave: Lancelot, Chrétien de Troyes, Rei Artur.

Lá embaixo, os cavalos corriam, mas entre eles os olhos de Gwenhwyfar fixaram-se em um homem esguio, vestido de vermelho, (...) Percebendo que ele era tão veloz quanto os próprios cavalos, a moça compreendeu porque os saxões o chamavam de Flecha de Duende. Alguém lhe contara que ele tinha sangue de fadas, Lancelot do Lago, era seu nome.

Marion Zimmer Bradley

Chrétien de Troyes nasceu, provavelmente, em Troyes em 1135, e tornou-se um dos principais autores a contribuir com o desenvolvimento do Mito Arturiano. Compôs seis poemas inspirados na Matéria da Bretanha. Destas obras cinco se preservaram e podem ser divididas em duas fases. Constituem sua fase amorosa ou de cortesia os romances: *Eric e Enide*, escrito entre 1150 e 1170. Em seguida, por volta do ano de 1175, escreveu *Cliges ou A que Fingiu de Morta*. Entre 1177 e 1181 iniciou *Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete*, ao mesmo tempo escreveu sua obra-prima *Yvain ou O Cavaleiro do Leão*, último romance desta fase. A segunda fase é chamada de mística e nos legou o hermético romance *Perceval ou O Romance do Graal*, iniciado entre 1183 e 1184, que também

não chegou a ser concluído. O sexto romance trata-se de uma versão, possivelmente a primeira da literatura francesa, da lenda de Tristão, intitulada *Guillaume d'Angleterre*. Infelizmente os manuscritos desta obra jamais foram encontrados. Sabe-se, porém, que esta era a composição preferida do poeta.

O poema *Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete* permaneceu inacabado. Ainda assim tornou-se um de seus trabalhos mais célebres, definindo a persona literária do cavaleiro Lancelot, que se tornaria um dos mais famosos membros da Távola Redonda. Sendo, inclusive, o pivô da ruína da confraria.

Sir Lancelot do Lago, filho de Ban de Bernoic¹, pai de sir Galahad², campeão e amante da rainha Guinevere da Bretanha, tornou-se ao longo dos séculos o mais famoso membro da confraria dos Cavaleiros da Távola Redonda. Representou o modelo do amante cortês medieval, sendo considerada sua mais perfeita idealização literária. É, contudo, um personagem extremamente trágico; carrega a culpa de haver traído seu bem amado soberano, o rei Arthur, numa paixão extraconjugal com sua esposa, que culminou no fim de seu longo e próspero reinado. A Bretanha perdeu seu rei, fonte de fertilidade da terra e alegria do povo. Resignado o cavaleiro francês encarcerou-se entre os muros de um mosteiro, sem o amor do rei morto e o amor da rainha arrependida, esperando a morte; que não tardou.

O perseverante campeão da rainha, descrito por Chrétien de Troyes em seu romance *O Cavaleiro da Charrete*, representou uma nova e original abordagem à figura deste paladino. Porém é preciso admitir que o bardo francês remeteu-se a raízes culturais extremamente remotas no processo de composição de seu poema. As lendas e personagens celta-cristãos que moldaram a persona literária de sir Lancelot do Lago,

1. Segundo a tradição arturiana Ban de Bernoic, rei da Bretanha Menor, na atual França, gerou sir Lancelot do Lago em idade bastante avançada. Com a morte do pai, o herói, ainda criança, foi levado pela Dama do Lago para ser criado em seu palácio subaquático, geralmente identificado como o reino de Avalon.

2. Conta-se que o verdadeiro nome de sir Lancelot do Lago seria Galahad. A escritora americana Marion Zimmer Bradley identifica o nome "Lancelot" como um apelido sa-xão, que significaria; "Flecha de Duende". Em algumas versões da lenda o herói casa-se com uma bela donzela chamada Elaine, que concebe um filho; Galahad, um cavaleiro cuja pureza de espírito não encontra paralelos. Em *Morte D'Arthur* de Mallory, Galahad é o paladino sem mancha, destinado a encontrar e perecer sob o Graal, diante dos olhos do pai.

popularizada no século XII, constituem por si só uma vasta tradição lendária. Para compreender sua evolução, enquanto modelo cavaleiresco, é necessário retomar estas origens.

O historiador Roger S. Loomis, autor de *O Desenvolvimento do Romance Arturiano*, identificou em sir Lancelot do Lago traços do deus solar do folclore irlandês Lugh Lamhfada³. O herói herdou diversas aventuras originalmente relacionada a esta deidade. Porém, aparentemente, o mais correto seria pensar em raízes fundamentalmente francesas, sem descartar as óbvias influências bretãs. O intelectual francês Jean-Pierre Foucher indica que:

Lancelot não é nome de origem galesa; é nome francês, derivado da palavra ‘ancel’, (...) que designa um servidor. Ancelot é o diminutivo. (...) Daí ‘l’Ancelot’ (o Ancelot), e depois Lancelot. Mas o fato do herói não ser galês significará que o personagem e o romance não são de origem galesa? O dicionário galês de Walter indica que nessa língua O ‘servidor’ se diz ‘Maél’. Ora, a tradição céltica conhece um príncipe com esse nome, contemporâneo do chefe militar do qual a lenda iria produzir o rei Arthur. Seu caráter e suas aventuras antecipam o que será e fará o Lancelot de Chrétien. Sua bondade é elogiada; seus costumes, deplorados (Foucher, 1991. p.123).

Foucher faz menção a um obscuro livro escrito em língua armórica, identificado como *Légende des Rois*, em que este ambíguo personagem, Mäel-Lancelot, rapta a rainha Guinevere disfarçada de fauno da floresta. O que demonstra que em sua origem Lancelot raptou e não resgatou a esposa de Arthur. Houve, portanto, uma radical inversão de papéis. Ainda nesta obra Mäel-Lancelot teria se retirado a um mosteiro e morrido de “pavor após avistar através das fendas da porta da igreja o ‘espectro amarelo’ da peste.” (Foucher, 1991. p. 124).

Segundo a historiadora Elizabeth Jenkins, a criação do nome “Lancelot do Lago” é atribuída a um escritor suíço chamado Ulrich

3. Lugh Lamhfada ou “mão longa”, também chamado de Lonnbemnech ou “com potentes golpes” e Samildanach ou “de muitos dons” foi um guerreiro forte, belo e viril. Hábil com a funda e a lança, suas aventuras se desenvolviam em um clima extremamente mágico e fantasioso, próprio do folclore irlandês. A festa de Lugh, chamada de Lughnasadh foi uma das principais festas pré-cristãs da ilha bretã. Festejava o primeiro de agosto pela celebração das frutas. Lugh tornou-se rei dos povos tuatha, ponto em que se identifica com o rei Lot, pai de Gawain.

Von Zatzikhoven. Ele teria composto na última década do século XII, portanto numa época contemporânea à Chrétien de Troyes, tendo como base um antigo conto anglo-normando desaparecido, um romance em versos que contaria a saga do herói. Nesta versão o filho de Ban de Bernoic e da rainha Helena, Lancelot, é criado pela Dama do Lago em um palácio literalmente subaquático, localizado dentro de uma lagoa de águas calmas. Surge daí a alcunha, “do Lago”, tendo em vista o antigo costume de se identificar os indivíduos pelo lugar de origem. O jovem Lancelot do Lago teria sido armado cavaleiro aos quinze anos de idade na corte do rei Arthur. Torna-se o campeão da rainha, mas até então não existe nenhum traço de adultério entre eles. Mas já é um personagem de características galantes; em um conto chamado *O Nobre Beijo* liberta com um beijo uma donzela transformada em dragão. Nesta primeira fase de seu ciclo o paladino francês chega a se casar com uma bela e fiel jovem, com a qual permanece até o fim da vida.

Foi a pena inovadora de Chrétien de Troyes quem primeiro indicou a relação amorosa entre a rainha e seu campeão, criando assim um ponto de extremo interesse dentro do ciclo arturiano. É razoável considerar que a verdadeira autora da idéia tenha sido a condessa Marie de Champagne, patrona do poeta e responsável pelos debates cortesês que designavam o desenvolvimento da trama. Chrétien de Troyes em diversos pontos do texto sugere não concordar com os rumos tomados pela história e que a escrevia por puro e simples dever profissional. Delega toda responsabilidade, e possíveis méritos, à condessa. Não deixa de ser curioso que justamente esta obra renegada tenha se tornado sua mais famosa criação. O fato é que juntos, o artista e a mecenas, construíram um personagem de extraordinário apelo: um cavaleiro contraditório; ao mesmo tempo viril e casto, poderoso e frágil, abnegado e subserviente, amado e rejeitado. Uma marionete do amor cortês que “esquece-se de si mesmo, não sabe se existe ou não.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.134).

Por tudo o que havia escrito até então se torna obvio que o bardo francês realmente acreditava na nobreza e importância da Ordem da Cavalaria. O fato de não haver concluído o poema pode estar relacionado com uma não concordância de Chrétien de Troyes com a sublevação da tradicional figura do cavaleiro, perpetuada pela condessa. Jean-Pierre Fouchester continua sua análise indicando *que* “pode causar decepção e choque a forma como Lancelot, esquecendo a cavalaria, submete-se

a todos os caprichos de sua senhora” (Foucher, 1991. p.121). Elizabeth Jenkins, por sua vez, acredita que a estrutura desencontrada e confusa do romance não indica tão somente o desinteresse do autor em esmerar-se em sua composição e sim o fato de que “*a história pretendia ser uma sátira do amour cortois.*” (Jenkins, 1989. p.73) Seguindo este ponto de vista a figura de Lancelot, já conhecida, porém, até então, de importância secundária dentro do ciclo arturiano como um todo, teria sido escolhida como alvo e principal peça desta original intenção literária de satirizar a poesia de gesta. O certo é que o perigoso tema do adultério fazia parte do cotidiano medieval. O historiador francês Georges Duby escreveu que:

A presunção de adultério é latente nas casas nobres. Todos os moços cavaleiros (...) assediam a esposa do senhor. É o jogo cortês. Apimenta a competição permanente que tem na corte seu lugar de encol. (...) Quem conquistará o amor da dama, para assim ter o do senhor? Mas há um risco, o de acabar envolvido nesse jogo, de ultrapassar os limites da convenção. Nesse caso o jogo se torna perigoso (Duby, 1988, p. 68).

Duby acredita que estas ligações perigosas, entre donzelas em fogo e sedentos cavaleiros, eram extremamente recorrentes. Para o chefe da casa o maior perigo era o de “dar o nome a filhos gerados por outra semente e que assim usurparão os bens ancestrais⁴” (Duby, 1988.p.69). Cria-se, portanto um clima tenso, de eterna vigília e desconfiança nos castelos, o que muitas vezes poderia justamente aumentar a excitação das jovens damas, ansiosas para jogar o perigoso jogo do amor.

A Idade Média foi um período de extrema crueldade com a mulher. A religião cristã, que ocupava o centro da existência humana de então, relegava à figura feminina o papel de arma diabólica de tentação do homem. Neste cenário, portanto, a rainha Guinevere surgiu não como uma companheira, mas um peso, uma cruz, aos ombros do nobre homem, rei dos homens, Arthur. Juntou-se a tradição de Pandora⁵ e Eva⁶, como

4. Segundo Duby: “Guilherme Plantageneta e Leonor de Aquitânia, então rainha, talvez tenham unido seus corpos, (...) Em todo caso, cada qual pensa que tais fornicções, quer violentas quer consentidas, podem vir a acontecer.” (Guilherme Marechal. p.69) Fica a pergunta se esta aventura, somada a outras de sua mãe, não teriam inspirado a condessa de Champagne em suas aspirações cortesias, que redundaram em literatura?

5. Na mitologia grega Pandora abriu a caixa que aprisionava todos os males do mundo, libertando-os.

6. Na tradição judaico-cristã Eva, a primeira mulher, ofereceu a Adão, o primeiro homem, um fruto proibido retirado da árvore da ciência do bem e do mau. Deste modo criou o chamado Pecado Original.

causadoras de grandes males, não por serem necessariamente ruins, mas por serem mulheres e carregarem todos os ditos defeitos femininos: curiosidade extrema, ingenuidade pecaminosa, furor uterino e outros mais.

Compreender a tradição acerca de Guinevere é de fundamental importância para se entender a figura cortês de seu amante e campeão, sir Lancelot do Lago. Guinevere é a Gwennyfar dos galeses, chamada de “Branco Fantasma”, pelo tom alvo da pele e a cor loura dos cabelos. A dama que batizou a cidade de Genebra vinha de uma casa romanizada, filha do rei Leodegranz da região da Carmélida. A lenda da rainha de Arthur é formada por uma sequência infinda de raptos e resgates, arrependimentos e fugas, gravidezes e filhos abortados ou natimortos. Guinevere teria sido estéril e não deu à Bretanha um príncipe herdeiro. Sua beleza extraordinária foi aclamada, ao longo dos séculos, por todos os autores arturianos. Esta beleza fascinou e aprisionou ao menos quatro grandes cavaleiros; Lancelot do Lago obviamente é o primeiro, Meleagant; o segundo, e Mordred⁷ o terceiro. O próprio Arthur, seu esposo, é o quarto numa lista que poderia englobar grande parte da Távola Redonda. Aproximou-se deste modo de Helena de Troia por haver, tal qual a rainha espartana, incitado uma guerra entre os maiores guerreiros de seu tempo. Para o ciclo arturiano Guinevere traiu seu esposo e rei, foi condenada a morte⁸ e depois, por amor e pela lei do matrimônio, perdoada. Acabou seus dias em um convento, arrependida e pedindo perdão a Deus.

Porém para a mentalidade cortês medieval a rainha Guinevere era acima de tudo a esposa de um incomparável herói e era, portanto, uma dama igualmente excepcional. A traição, a infertilidade e a fuga arrependida são passagens incomuns de uma existência nobre, dedicada ao rei e ao reino. Não é incorreto, portanto, afirmar que existiu na Idade Média duas Guinevere. Uma sábia, religiosa e sensata. Outra caprichosa,

7. Geoffrey de Monmouth escreveu que: “Mordred (...) a cuja tutela entregara a Bretanha, assumira a coroa como tirano traidor. E com nefanda luxúria se uniu à rainha Guinevere, que violara os votos de suas prévias núpcias” (História dos reis da Britânia. APUD: Furtado, 1989. p.86).

8. Na *Vulgata em Prosa* a rainha é condenada à fogueira. Porém, “uma narrativa tradicional das Terras Altas da Escócia relata que ‘uma das esposas do rei Arthur, acusada de adultério e condenada a ser devorada pelos cães, fugiu de Câmbrria para a Escócia e lá passou o resto de seus dias.’” (Foucher, 1991. p.122).

orgulhosa e inconsequente. A infidelidade é o único ponto em comum entre as duas faces desta mesma moeda. Para Chrétien de Troyes a primeira Guinevere é aquela que vestiu Enide em trajes de ouro para a festa da corte em *Eric e Enide*, aproximou em matrimônio Alexandre e Soredamor em *A que Fingiu de Morta*, criticou a língua ferina do senescal Kay em *O Cavaleiro do Leão* e consolou o marido Arthur em *O Romance do Graal*. A segunda rainha Guinevere, criação talvez de Marie de Champagne, figurou em um único romance; *O Cavaleiro da Charrete*. Mas foi justamente esta peça solitária que marcou para sempre seu caráter literário. Com a diferença de que a rainha descrita por Chrétien de Troyes jamais esboçou o mais leve sinal de arrependimento, termo que posteriormente se associou de forma inseparável de sua figura. Segundo Jenkins: “Existe muita preocupação e muita apreensão na história, mas o prazer é puro, sem nenhum remorso. É no ‘Lancelot’, do Ciclo Popular que Guinevere exclama: ‘Teria sido melhor para mim se eu nunca tivesse nascido’” (Jenkins, 1989. p.73).

É esta soberana decidida e caprichosa que sir Meleagant exige levar consigo:

– Rei Arthur, retenho em meu poder uma parte de tua terra e da gente da tua casa: cavaleiros, damas e donzelas. (...) se houver em tua corte um só cavaleiro de tal mérito que nele se fies o bastante para ousares permitir que leve a rainha até esse bosque aonde vou, faço um juramento: esperarei por ele e te devolverei os prisioneiros que estão exilados em minha terra. Ainda precisa tomar de mim a rainha. Terá então o direito de trazê-la de volta aqui (Chrétien de Troyes, 1991. p.125).

O senescal Kay exige a honra de ser o defensor das virtudes da rainha. Para espanto de toda a corte o rei Arthur aceita o desafio e manda armar seu irmão adotivo. Logo sir Kay e a rainha Guinevere partem para a floresta. O rei Arthur, aconselhado por seu sobrinho sir Gawain, ordena que um grupo de guerreiros o siga. Para surpresa dos paladinos do rei, ao chegarem à floresta “viram sair dela o cavalo de Kay. (...) As correias da brida estavam ambas rompidas. (...) Sangue avermelhava os loros do estribo e os arçãos estavam lacerados.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.128) Estranhamente este mau-agouro se repete logo adiante.

A sanha de um dos cavaleiros em encontrar a rainha era de tal modo extrema que este forçou sua montaria até a mortal exaustão.

Toma emprestado um novo corcel, cedido por sir Gawain, e se lança a galope até desaparecer por entre as árvores. Metros adiante o sobrinho do rei encontra um terceiro cavalo morto, cercado por pedaços de lança, indicando que naquele local houve um violento combate. Perto dali encontra-se o apressado paladino anônimo, diante de uma velha e alquebrada charrete. Segundo o bardo de Troyes:

As charretes serviam então para o que servem os pelourinhos. (...) para aqueles que cometeram assassinatos e traição. (...) para os ladrões e bandidos de estrada. Quem fosse preso no ato, era posto na charrete, levado por todas as ruas e depois declarado fora da lei. (...) “Quando vires charrete (...) lembra-se de Deus para que não te advenha mal” (Chrétien de Troyes, 1991. p.129).

O paladino, cioso de sua honra de guerreiro, hesita em subir na charrete para continuar a perseguição. O condutor do veículo, um sinistro anão, promete-lhe a localização da rainha e o cavaleiro finalmente sede, para espanto de sir Gawain, que o acompanha a cavalo. Por onde o cortejo passa a população lança insultos ao cavaleiro supostamente aprisionado e condenado. Alguns lhe têm piedade e outros apenas zombam. Mas todos se interessam em saber; “Em qual suplício será judiado esse cavaleiro? Será esfolado, enforcado, afogado ou queimado em braseiro?” (Chrétien de Troyes, 1991. p.130).

O fato de haver subido e ao mesmo tempo hesitado em subir na malfadada charrete marca de forma indelével o destino deste, até então, anônimo personagem. A apresentação de seu nome é negada ao leitor. Ele passa a ser chamado tão somente de “o cavaleiro da charrete”, numa forma de identificar tanto sua obstinação quanto sua desonra, ainda que se trate do herói do romance. Apenas na segunda metade da obra fica-se sabendo, pela boca da rainha, que: “- Seu nome é Lancelot do Lago, pelo que sei” (Chrétien de Troyes, 1991. p.164).

Acredito que a postura de inicial ocultação do nome do principal personagem do poema apoia-se em duas tendências diferentes. A primeira hipótese indica que o autor pretendia alimentar a curiosidade dos ouvintes, num crescente de suspense, até a esperada revelação da identidade do amante da rainha. Em segundo lugar devemos considerar que: “Quem estiver se iniciando no estudo da história de Arthur deverá se lembrar sempre de que a mais primitiva forma escrita de uma lenda

ainda é provavelmente centenas de anos posteriores à sua origem real.” (Jenkins, 1989, p.70) O que indica que a ligação amorosa entre Guinevere e seu campeão certamente possui precedentes anteriores a *O Cavaleiro da Charrete*; fossem escritos ou orais. Tem-se como certo que o bardo francês foi o primeiro escritor a narrar o episódio extraconjugal, contudo não podemos descartar a possibilidade de haver existido algum pioneiro manuscrito extraviado, já que: “Poder-se-ia imaginar que a condessa de Champagne e Chrétien tenha desenvolvido eles mesmos a história. Entretanto o que parece é que ela já era bem conhecida, pois é relatada de modo indireto, que dificilmente seria compreendida por alguém que a estivesse ouvindo pela primeira vez.” (Jenkins, 1989, p.70).

Assim que desce a malfadada charrete este pretensamente incógnito cavaleiro inicia uma verdadeira via-sacra de provações, compostas de obstáculos que não experimentam tão somente seu valor enquanto guerreiro, mas sim sua fidelidade à rainha raptada em contraponto a sua lealdade aos preceitos básicos da Ordem da Cavalaria. O herói prova ser capaz de suplantar qualquer provação física, contudo a figura feminina é seu maior e mais cruel adversário. O campeão da rainha é, a todo o momento, testado na carne, pela bela carne. Se o bom paladino deve ser casto e puro, sir Lancelot do Lago o é. Contudo sua castidade não se deve ao juramento sacramentado durante a cerimônia de sua investidura, e sim devido a sua imensa fidelidade à amante desaparecida. Ao longo do romance o herói resiste castamente às investidas amorosas de diversas damas. Chega a deitar-se com uma, porém sente medo de tocá-la, sua de angustia e vira-se de costas. “A damizela bem vê que o cavaleiro detesta sua companhia. De bom grado a dispensaria; não tem o menor desejo de tomá-la nos braços, e regozijaria de não precisar fazê-lo.” (Chrétien de Troyes, 1991, p.141).

O historiador Eduardo Iánez escreveu que: “O ‘amor cortês’ (...) A vassalagem amorosa, quer dizer a submissão absoluta à mulher amada adquire muito rapidamente, o aspecto de um culto, de uma religião.” (*História da Literatura: A Idade Média*, p.168) A relação desenvolvida entre sir Lancelot do Lago e a rainha Guinevere, assume realmente um caráter de adoração. O herói chega a perder totalmente o controle diante da imagem de sua amante, em verdadeiros êxtases, semelhantes aqueles posteriormente atribuídos a Galahad, filho de Lancelot, diante da visão

do Santo Graal⁹. No alto de uma torre sir Lancelot do Lago identifica ao longe a figura gigantesca de Meleagant escoltando Guinevere, e se esquece do tempo e do espaço: “Não parava de contemplar o mais longe que podia. Quando desapareceu, ele quis se lançar pela janela. Já escorregava no vazio quando sir Gawain o reteve.” (Chrétien de Troyes, p.132) O paladino chega a adorar objetos pessoais da amada, e mesmo seus fios de cabelo. Sir Lancelot do Lago caminha por uma estrada, acompanhado de uma dama, encontra uma encruzilhada, faz o caminho errado, volta e, como que guiado pela donzela, encontra um pente de ouro:

Lancelot se curva e o pega e segura mui longamente. Olha-o e contempla os cabelos. A damizela começa a rir. (...)

– Este pente pertence à rainha. Crede bem no que digo: estes cabelos que vedes tão belos, tão claros e luzentos, que permaneceram entre os dentes, são da cabeleira da rainha. (...)

Como deseja que a damizela tenha o pente, estende-o a ela; mas os cabelos, retira-os tão suavemente que não rompe um único fio. (...) ele começa a adorá-los. (...) Não os trocaria por um carro repleto de esmeraldas e carbúnculos (O Cavaleiro da Charrete. In: *Romances da Távola Redonda*. p.144).

Quando finalmente sir Lancelot do Lago alcança o castelo de Meleagant, no reino cercado de águas de Goirre, cruzando para isto a temível Ponte da Espada¹⁰, e o desafia em nome da liberdade da rainha e dos súditos aprisionados de Arthur, o herói concede nova prova de sua incomensurável devoção cortês. Primeiramente o pai do gigantesco raptor, o rei Bandemagus, se recusa a permitir o duelo, temendo pela vida do filho frente aos méritos guerreiros do cavaleiro francês. Porém é feito o desafio e orgulhosamente Meleagant o aceita.

Ao amanhecer do dia seguinte os dois cavaleiros estão a postos, esperando o momento de se lançarem um contra o outro. No auto de uma torre está o rei Bandemagus e a seu lado a rainha Guinevere. Em meio à justa uma donzela chama sir Lancelot do Lago e o alerta da presença da

9. “Que em meo da nave estava, o Santo Graal, (...) e tôdalas horas que se deitava Galaz e se levava, fazia as oraçom a Nosso Senhor (...). E vi taes cousas, que língua nom poderia contar nem coraçom esmar (...) estou veendo as maravilhas do Santo Graal.” (Magne, 1944. p. 305 - 306).

10. “De uma espada polida e branca era feita a ponte sobre a água fria. (...) Em cada extremo da ponte dois leões e dois leopardos acorrentados a uma grande pedra.” (Chrétien de Troyes, 1991. p. 157).

rainha. O paladino passa então a lutar sempre de modo a estar olhando sua senhora, mesmo que isto acabe lhe custando a vantagem natural no combate:

Desde o momento que a avista, não se move mais nem desvia o rosto. Defendia-se por trás, porém Meleagant o acoitava o mais que podia, mui jubiloso por pensar que o cavaleiro estava agora sem defesa.

Então novamente a donzela da janela bradou:

– Ah! Lancelot, por que tão loucamente combates? (...)

Lancelot considera grande vergonha e fealdade o que fez. De fato, bem sabe que por longo tempo levou a pior. Salta para trás e vira Meleagant, colocando-o à força entre ele próprio e a torre. (...) Amor lhe traz grande valia. (...) Meleagant é conduzido como um cego ou um bobo com perna de pau (Chrétien de Troyes, 1991. p.164-165).

Desta forma a presença da rainha, que inicialmente significou uma quase que fatal distração, converteu-se em um revitalizante incentivo. Devolveu de forma redobrada o ânimo bélico ao cavaleiro. Naquela situação nada seria mais vergonhoso do que uma derrota aos olhos de sua idolatrada amante. Percebe-se, portanto, que diferente de sir Gawain cuja vitalidade nasce de sua natureza solar ou sir Percival que possui na fé sua maior arma, sir Lancelot do Lago retira suas forças do próprio sentimento amoroso que o guia. Desta forma seus notáveis feitos devem-se mais à influência, e à atitude de cobrança perene, encarnada em Guinevere, do que propriamente por seus pessoais méritos cavaleirescos.

Meleagant é derrotado e a rainha, juntamente com diversos súditos, é libertada. Cumprisse a profecia encontrada por sir Lancelot do Lago, gravada em uma enorme lápide de um cemitério erguida pelo herói: “Quem sozinho levantar esta pedra libertará aqueles e aquelas que estão prisioneiros nesta terra, de onde não podem sair nem servo, nem gentil-homem”¹¹ (Chrétien de Troyes, p.149-150) Contudo, para o espanto de todos, a esposa do rei Arthur despreza e desdenha seu salvador. Diante do ansioso cavaleiro, conduzido a sua presença pelo rei Bandemagus, Guinevere finge estar encolerizada. “- Verdadeiramente o cavaleiro perdeu seu tempo, pois por mim não negarei que em nada lhe sou agradecida.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.167) e mais a frente, em um encontro secreto,

11. Em *Morte D'Arthur*, de Mallory, existe uma variação deste episódio. Nesta obra o paladino francês encontra, escondido sobre a lápide, o segredo de sua verdadeira identidade e genealogia.

justifica sua inusitada postura, declarando-se ofendida porque: “- Pois não tiveste vergonha da charrete? Não hesitastes? Muito a contragosto subistes, após haver demorado dois instantes. Em verdade, é por isso que não vos quis falar nem olhar.”¹² (Chrétien de Troyes, 1991. p.173) É sintomático a maneira como Guinevere se diverte em provocar angústia e culpa em seu campeão, que sofre em pensar que perdeu seu afeto.

A rainha, após se satisfazer suficientemente com o sofrimento do amante, recebe-o jubilosa em um novo encontro. E de forma extremamente decidida o convida para estar com ela naquela noite em sua janela. Mas acrescenta que “- Estarei dentro e vós fora. Só poderei aproximar de vós a boca e as mãos. (...) Não nos poderíamos juntar, pois diante de mim jaz em meu quarto Kay o senescal, que definha das chagas que o cobrem todo.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.173) Naquela noite, porém a gana de sir Lancelot do Lago foi maior do que a precaução:

Lancelot começa a fazer por vencer a janela. (...) Verga-as e consegue despregá-las da pedra. Mas o ferro é tão afiado que lhe faz um profundo ferimento na primeira falange do dedinho, (...) Depararam o senescal mergulhado no sono e avança docemente até o leito da rainha. (...) Se é verdade que a rainha amou Lancelot com amor ardente, ele a amou mil e mil vezes mais (Chrétien de Troyes, 1991. p.174).

Na manhã seguinte são encontradas manchas de sangue nos alvos lençóis da rainha. Imediatamente as suspeitas recaem sobre sir Kay, cujas feridas haviam sangrado durante a madrugada, encharcando seu leito de sangue. O senescal é acusado de traição e adultério, com a esposa de seu soberano e irmão de criação, Arthur. Meleagant, tomado de ciúme, desafia para um combate de honra o moribundo senescal que, incapaz de combater, é defendido por sir Lancelot do Lago. Diante de sagradas relíquias de santos os dois guerreiros juram combater. Novamente o pacato rei Bandemagus intervém lembrando ao filho que: “- Esqueceste que foi combinado entre ti e Lancelot uma batalha que terá lugar na corte do rei Arthur? É lá que deverás obter, se possível, a honra mais esplêndida.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.180)

12. Estranhamente em momento algum do romance o autor explica de que forma a rainha soube da hesitação de sir Lancelot do Lago, já que as únicas testemunhas do fato teriam sido sir Gawain e o próprio anão condutor da charrete.

Resolvida esta questão o paladino francês parte em busca de sir Gawain, então desaparecido. Diversos cavaleiros libertos o seguem. No caminho sir Lancelot do Lago é abordado por um suspeito anão que o convida a segui-lo: “- Lancelot, nobre cavaleiro, deixai vossos companheiros. (...) Vou conduzir-vos junto a pessoas que vos querem bem.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.180) Ingenuamente o herói obedece e é capturado por partidários de Meleagant. A notícia de seu desaparecimento logo se espalha. A rainha Guinevere sofre como nunca, ocultando de todos seus verdadeiros sentimentos. Simula alegria ao encontrar sir Gawain, resgatado da Ponte-Sob-a-Água. O sobrinho do rei propõe a criação de um grupo de busca para procurar o companheiro. Porém, antes da partida do grupo, chega uma falsa carta de Lancelot anunciando ao rei Bandemagus que “Agradece as honras que lhe concedeu. (...) Deseja que saibam que está em perfeita saúde junto ao rei Arthur. Pede à rainha, a Kay o senescal e a sir Gawain que retornem sem tardar, se a rainha consentir” (Chrétien de Troyes, 1991. p.183). Jubilosos com a alegre notícia o grupo parte para a corte de Camelot, apenas para descobrir que tudo não passou de uma mentira.

O herói está preso em um solar, guardado pelo senescal de Meleagant e sua esposa. Ao saber da notícia de que ocorreria um torneio na corte de Arthur, em honra de suas donzelas, sir Lancelot do Lago convence a senhora que o vigia de que: “Se quisésseis dar-me permissão para ir, seria bastante leal para retornar aqui como vosso prisioneiro.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.186) Fascinada pela nobreza e compadecida do sofrimento do belo cavaleiro, a senhora permite sua partida e empresta-lhe as armas, a armadura e o corcel de seu esposo. Incógnito o herói chega à cidade de Noauz, onde vai acontecer o torneio, e é reconhecido por um vagabundo, um malandro de cidade, que anuncia em alto e bom som para todos ouvirem que: “- Chegou aquele que dará a medida!” (Chrétien de Troyes, 1991, p. 188).

Todos se admiram com a habilidade em combate do desconhecido, mas ninguém reconhece seu escudo¹³ e sua identidade permanece um

13. Em *O Cavaleiro da Charrete*, Chrétien de Troyes compôs sua célebre lista de escudos e brasões, trecho literário considerado de estrema importância para o estudo da heráldica medieval: “Estais vendo aquele com banda de ouro no escudo de goles? (...) E vedes aquele atrás que no escudo pintou lado a lado uma águia e um dragão? (...) E esse que porta escudo faisões pintados bico com bico (...). Aquele escudo foi fabricado em Limoges. (...) Este outro é obração da Inglaterra.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.191).

enigma. Apenas a rainha Guinevere identifica sir Lancelot do Lago, seu amante, e manda-lhe um recado que revela todo seu capricho amoroso: “- Sir, venho da parte da rainha, que por mim vos manda dizer: o pior possível!” (Chrétien de Troyes, 1991. p.190) Qual uma marionete das vontades de sua amante, o paladino passa a agir como um covarde no campo de batalha. Torna-se alvo de toda espécie de insultos e brincadeiras, e nada pode fazer até que a rainha, farta da brincadeira remete-lhe um novo recado: “- Sir, minha senhora vos ordena que com todas vossas forças luteis agora o melhor possível.” (Chrétien de Troyes, 1991. p.192) Fortalecido pela vontade de sua amada o cavaleiro torna-se uma verdadeira fúria. Derrota a todos que o desafiam e “as damizelas contemplam-no maravilhadas (...) cada qual fazendo juramento de não casar durante o ano se não for com ele. (...) A rainha zomba em segredo do que ouve dizer ao redor. (...) Ele não tomaria a melhor de todas as damizelas, nem a mais bela nem a mais formosa.” (Chrétien de Troyes, 1991, p. 194).

Vencido o torneio o cavaleiro misterioso desaparece, qual uma visão. Sir Lancelot do Lago, honrando a palavra empenhada, retorna à sua prisão. Um raivoso Meleagant o aguarda e manda-o emparedar vivo em uma torre fortificada. Em verdade o campeão da rainha permaneceu confinado nesta torre por toda a eternidade, o gênio de Chrétien de Troyes tomou outros rumos literários sem se ocupar de emprestar melhor destino a seu abnegado cavaleiro da charrete. “Nesta torre foi trancado Lancelot. Passavam-lhe o alimento, mesquinhamente contado, pela única e estreita abertura ordenada por esse senhor falso e pérfido” (Chrétien de Troyes, 1991p. 196).

THE QUEEN'S CHAMPION: BOYFRIEND GALLANT SECOND
CHRÉTIEN DE TROYES

Abstract: The character Lancelot is first introduced by the writer Chrétien de Troyes who wrote in the 12th century. It is not until Chrétien's *Le Chevalier de la Charrette*, however, that Lancelot becomes the protagonist. In this text, he is presented as the most formidable knight at King Arthur's court. His adulterous relationship with the Queen is also introduced in this text.

Key words: Lancelot, Chrétien de Troys, King Arthur

REFERÊNCIAS

1 – Fonte impressa

CHRÉTIEN DE TROYES. *Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete*. In: *Romances da Távola Redonda*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.124 – 196.

2 – Bibliografia

ANÔNIMO. *A Morte do Rei Artur*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRADLEY, Marion Zimmer. *As Brumas de Avalon*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

DOHERTY, Paul C. *Rei Artur*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCHER, Jean-Pierre. *Prefácios aos Romances da Távola Redonda*. In: *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FURTADO, Antônio L. *Artur e Alexandre: crônica de dois reis*. São Paulo: Ática, 1995.

IÁNEZ, Eduardo. *História da Literatura: A Idade Média*. Lisboa: Planeta, 1989. II vol.

JENKINS, Elizabeth. *Os Mistérios do Rei Artur: o herói e o mito reavaliados através da história, da arqueologia, da arte e da literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KEEN, Maurice. *La Caballeria*. Barcelona: Ariel, 1986.

LE GOFF, Jacques (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

NETO, Jônatas Batista. *História da Baixa Idade Média (1066 -1453)*. São Paulo: Ática, 1989.

OVÍDIO. *A Arte de Amar*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.

PASTOUREAU, Michel. *A Vida Cotidiana no Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOBRE O AUTOR

Ademir Luiz da Silva - Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás e professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás.

Recebido para publicação em 05/04/12

Aceito para publicação em 27/07/12